

Trabalho

Chacal

como dizer -

isto -

este isto -

isto aqui -

.....

Beckett

Minha amiga me viu fazendo *Os Bichos* numa conversa com alunos de pós-graduação na UERJ. No final veio falar comigo: “quando é que isso vai virar trabalho?” Fiquei passado. Aquilo era o trabalho. Uma dança estranha, minimalista, que sugeria uma série de uns dez bichos. Algo informe. E era assim, sem explicações, sem palavras. Algo sem importância, sem definição, nonada.

Aquilo ficou na minha cabeça. Como é que aquela moça que tanto admiro me diz: “quero ver quando isso vai virar trabalho?” Imagino que, se os poetas tivessem posto Platão pra correr da República e ela fizesse uma exposição belamente fundamentada numa Abralic clandestina, eu chegaria para ela, cheio de mim, e diria depois dos ademanos: “Quero ver quando isso vai virar um poema?”

“Quero ver quando isso vai virar trabalho?” Talvez essa incompreensão fosse onde eu quisesse chegar. A série começou com *Alce Triste*, um gesto meio tímido de quase esconder o rosto entre as mãos e ficar parado assim um tempo em frente a outra pessoa. Sensação

boa, como uma criança que se esconde fechando os olhos. As pessoas achavam meio engraçado, meio absurdo. Mas eu me sentia abrigado dos olhares incrédulos, ali fazendo o Alce Triste, como se invisível fosse. Um dia, em bh, num encontro multimídia, num festival de poesia, pedi para alguém que fazia o som, que colocasse “Gymnopedie”, enquanto eu, paralisado, em cena, fazia o Alce Triste. Aquela música do Satie foi me invadindo e me sugeriu um movimento, que era uma volta de 360º em torno de mim mesmo, praticamente sem sair do lugar. Depois sem saber como acabar a performance, fui caminhando lenta e tristemente, atravessei o público e sai da tenda armada para o evento, saindo pra rua deserta numa noite chuvosa na Praça da Liberdade. As pessoas ficaram um tempo estupefatas e então começaram a aplaudir. Como um mendigo ávido, voltei para receber os aplausos.

ALCE TRISTE

Os Bichos é esse algo que acontece no momento – como alguma coisa que vai se deixando invadir pela interação com o público, o ambiente – que te sugere ações imprevisas, improvisadas, quando a convenção e o acaso trocam figurinhas. Fato é que incorporei o movimento giratório ao Alce Triste, tendo ou não, música ao fundo.

Pouco antes havia feito outra intervenção num centro cultural pomposo na Praça da Liberdade. O apresentador me anunciou com a formalidade de praxe e chamou: – Com vocês, Chacal! Entro imitando muito toscamente um elefante, com o braço no lugar da tromba e caminho, encurvado, a passadas lentas pelo palco até chegar ao microfone. A partir dessa quebra de expectativa, tudo podia acontecer. Podia até falar um poema e falei:

ELEFANTA

teu jeito de elefanta contraído me angustia.
quem sou eu, quem és tu nessa manhã que se anuncia?
sentinela, minha nega, estou tomado pelo teu sentimento.
posso dizer que um elefante passa em mim
com seu passo lerdo, um tanto tardo de ser.
quando tu assoas tua tromba, sentinela, me assombra.
quem não ficaria sem ar com o teu passar constipado
com teu ventre que abrange o mundo paralisado?
sentinela sentinela quem te deu esse nome bacana?
por que saís de manhã toda trêfega e só voltas sei lá quando?
sentinela, esse jeito avoadado de quadrúpede no cio me assanha.
alguns te chamam elefanta, outros aliá e todos tem razão
menos eu sentinela, menos eu que sou assolado pelo teu sentimento.
por que não vieste a esse mundo, um walk talk, um disc man?
assim saberia operá-la ou escutar hendrix quando quisesse.
mas não. vieste elefante e para escutar teu berro lancinante
teu ronco visceral, fico impassível como um hidrante.
vai, sentinela, vai! cambaleante pelas ruas do rio.
boa sorte. seja feliz. até logo.

.....

TERGIVERSO?

Será que já estou transformando *Os Bichos* em trabalho? Por que trabalho tem a ver com a palavra escrita? Será que cobravam isso de Pixinguinha quando compunha um chorinho ou de Didi depois de um gol de folha seca? Por que será que a palavra escrita do autor ou de uma crítica é que dá significação à obra? Será o grafo-logo-centrismo impregnado que dita que toda experiência deve virar texto para ser transmitida? Quero evaporar. Mas sinto que nesse pique-esconde, quanto mais tento fugir, mais exposto fico. Ainda assim, aqui no centro do palco do mundo, com uma lâmpada de mil amperes a um palmo da minha cabeça, confesso para quem quiser ouvir: poesia é o silêncio da palavra, ardil, artifício, artimanha.

Acho que *Os Bichos* já estão virando trabalho. Mas falta o mais importante: as citações. Citar fulana e beltrano. Dar credibilidade acadêmica ao tema. É aí que a porca torce o rabo e eu invento outro bicho. Não que outros autores não me permitam pensar com. Criaturas que explicariam *Os Bichos* com os pés nas costas. Gostaria de colocar os pés nas costas, num devir preguiça e caminhar lentamente para fora do teatro, sozinho na chuva e esperar Godot. Mas escuto aplausos e volto para agradecer. Que tipo de besta sou eu?

DANDO UM TEMPO

Comecei a performar meus poemas pra valer a partir de 1975, na primeira artimanha da Nuvem Cigana, grupo protopunk da Poesia Marginal. Ali começamos a trazer a poesia para o corpo, para a voz (nós não éramos do curso de Letras, mas sim de Comunicação). Poesia que queria sair do papel e se misturar com a vida e se transformar em ato presente. Desde aquele momento seminal em que fizemos recitais por várias cidades do Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília, dando início ao que hoje se expandiu pelas periferias, em forma de saraus e transformou a poesia em encontro, espetáculo.

Os Bichos não é espetáculo. É uma coisa assim chinfrim. Não precisa mais de palco, plateia, como aprendi com Waly Salomão e os mendigos bêbados desse planetário. Quero algo como no título de Anne Carson: “Variações sobre o direito de se manter em silêncio”. Chega uma hora, depois de 40 anos performando poesia, em que já se torna previsível pra mim ir ao microfone, ao palco e falar um poema. Apesar de gostar disso, a previsibilidade tira um tanto da antiga força. A passagem para o vídeo, o cinema, também não me atrai. Falta a presença física, respirar junto com a plateia. Transformar em cena é interessante. Mas ainda aí a palavra soa. E a palavra exige decifração, buscar sentido, significado. E isso te tira do aqui-agora da cena. E é isso que quero evitar. Como estar em cena sem a palavra?

E por que esse fastio todo? Além de já não ser mais um desafio, quero buscar o inaudível, o inusitado. O ideal seria fazer o ilusionismo, a mágica, a prestidigitação. Aliás já faço o Mago Magu, outro personagem que incorporo. Mas meus dedos não foram treinados para isso. Dançar eu reservo para as festas onde os corpos se atraem, se atritam, se entregam. E a música, só no jogo entre tônicas e átonas.

Bem sempre me resta o mais usual para um poeta: o papel. Mas assim como letristas profissionais não entendem o poema sem a melodia, eu já não considero a palavra longe do corpo, da voz. Claro está que um grande poema independe de suporte. Mas o silêncio pode ser um poema providencial entre duas falas caídas.

Mais um agravante para investir em uma performance sem palavras. Depois do golpe de 2016, com a chegada de Fora Temer, sinto que as palavras deixaram de valer alguma coisa alguma. Quando você tem a Constituição de um país rasgada, que potência pode ter

um poema? As palavras se tornam inócuas. *Os Bichos* tentam através do pouco, do gesto inconcluso, rasurado, dizer algo que se interrompe abrupto. Como um mandato.

E *Os Bichos* vieram vindo generosos: a Beberrã, que pula e bambeia e pula e bambeia. Beberrã, uma bêbada rã bebê. E veio o camarada Albatroz Vesgo, um olhar estrábico que vem do céu. E veio o Urso Nicolau, um ser singelo e assustador. Chegou também o Bacalhau da Noruega, a magreza em pessoa. Ou ainda, numa enfiada só, o Jacaré Tímido, o Macaco Sonolento, o Dragão Invisível, a elefanta Sentinela e a indescritível Tartarota, a tartaruga que capota. Agora sem mais, nem menos, brotou do nada: Gangurudson, o marsupial legal. Ele estreou de forma muito embrionária (o que n' *Os Bichos* não é embrionário?) num sarau na Tijuca. Uma evolução genética da Beberrã. Ora, pergunto eu, isso já é o trabalho ou é apenas um relato? Eu mesmo respondo: isso é isso, palavras encadeadas que cada um entende como quiser.

Quero exercer “meu direito de permanecer em silêncio”. Porque o silêncio pode ser um outro nome para a poesia. E eu como poeta quero exercê-lo. Por que trabalho tem que ser uma longa, exaustiva, interpretação teórica daquilo que meu corpo resolveu criar como quem assovia (assoviar é trabalho?)? Estou aqui pensando em quem poderia entrar nessa conversar sobre *Os Bichos*. Lígia Clark, que tem lá os bichos dela, poderia participar com seus objetos relacionais, aberta à visitaçã, recriaçã e recreaçã pública. Objetos a se fazer ao infinito. Perto deles, meus bichos são, sei lá, nada. Um esgar, um tique nervoso, um não trabalho, uma aleivosia. Sim, talvez *Os Bichos* e eu não passemos de uma fraude. Uma farsa maltrapilha. Um gesto perdido entre tantos. Um gesto.

TARTAROTA

Então embarcamos oito na van para um CEP 20.000, na Lona Cultural João Bosco, em Vista Alegre. Lá se daria um CEP 20.000 fake, uma contrapartida para levar arte para as áreas desprovidas de espaços culturais e espetáculos. Pura embromação se feito de um modo automático, sem real demanda específica das comunidades. Deixem as comunidades ocuparem esses espaços e elas mesmas programarem o que querem ver.

Mas lá ia eu estrear a “Tartarota, a tartaruga que capota”. Era um número que exigia muita entrega. Não sei fazer cara de tartaruga. Andar como uma tartaruga exigiria um preparo de corpo que não tenho. Era apenas sugerir alguma coisa. Como no processo de impeachment, a tal pedalada fiscal. Não era a verdade que importava.

Comprei o alface. Um alface é um alface é um alface. Uma coisa verde e vegetal. Fiz uma breve passagem antes da cena. Breno Góes anunciou belamente: – Vocês pensam que estão seguros. Mas vocês não estão seguros, porque lá do fundo do igarapé selvagem, do pantanal em que o país mergulhou, ela vem.

Entro em cena rastejando para espanto da plateia de jovens de Vista Alegre. Isso pra mim já era o trabalho. Que já começara na ideia de comprar o alface, na escolha do alface. Mas isso estava longe de ser o trabalho, que também não é esse aqui, um ano depois, nem sei se será um outro daqui a um ano. Sei apenas que fiz pela primeira vez a Tartarota. E rastejei até uma folha de alface no palco, e abocanhava a folha e mastigava a folha e olhava pra cima, esticando o pescoço como vejo as tartarugas fazendo no laguinho que fica na entrada do Jardim Botânico. Estava longe de estar parecido. Poderia ser um soldado da Frente Expedicionária Brasileira rastejando na lama num combate violento em Monte Castelo. Mas ali em Vista Alegre não se ouviam bombas, mas o silêncio ensurdecedor da plateia de jovens locais. A Tartarota rasteja até o centro do palco, mascando alface. Pára, estica a cabeça e faz o lento movimento lateral e vai e vem e vai e vem até que... capota. E começa a espernear. O trabalho estaria começando? Será que esse relato é em si um trabalho a posteriori ou um trabalho que antecede o verdadeiro trabalho em que terei eu que não apenas relatar, mas inventar o que eu quis dizer com aquilo? O trabalho é isso e aquilo. O trabalho, que eu saiba, não termina. Os alfaces continuam nascendo, sendo agrotóxicos e postos à venda. E meu silêncio pode ser um ato conspiratório contra todos

os golpistas. Um silêncio não logocêntrico, não grafocêntrico, mas que quer estar na academia. Como fazer? Tentando dizer com o corpo que o silêncio é uma forma de absorver, somatizar percepções, digerir a vida em paz? Interrogo? Eu?

Mas ainda esperneava e nada acontecia. Breno talvez fizesse um fundo musical maneiro. Mas, de repente, ele se insurge, se levanta e me dá um chute: – Sai fora, Tartarora! Sai Tartarota. Sai! A Tartarota desencapota aos poucos. E se arrasta para o fundo do palco, início do fim do mundo. Lá onde olhar nenhum alcança.

CABARET VOLTAIRE

Aqui seria um bom momento para entrar um verso sobre a Tartarota e essa primeira apresentação em Vista Alegre. Por exemplo:

te a tá, tá
erre o ró, ró
te a tá, tu
tartarota
no seu cu

Mas insisto: quero meu direito de me manter em silêncio. A Tartarota veio, viu, venceu. E se foi. Não por muito tempo. No CEP seguinte, dias depois, ela já estava entrando em cena de novo no Espaço Cultural Sérgio Porto, no Humaitá. Ela, precedida pelo alface. Eu sei que insisto. As pessoas reagem pouco. Não gostam muito. Preferem gritar: Fora Temer! E estão na razão delas. Temer é um carrasco a soldo do capital. Mas o que tem a Tartarota com isso? Que têm *Os Bichos* com isso? Seriam eles instrumentos de algo maior que tem a ver com a vida no planeta? De volta ao futuro, os bichos só serão reconhecidos assim, como um fragmento de um poema de Safo, salvo das intempéries, dos incêndios para nos iluminar lacunar? Como um canto de uma tribo extinta com sua língua destroçada pela cachorrada do tempo? Sei que tento apenas ganhar tempo, enfileirando frases e simulando fazer o trabalho. O poeta é um fingidor, um charlatão nesse mundo escriturário.

CABARET VOLTAIRE

Foi assim, com pasmo e muita felicidade, que recebi o convite para fazer uma performance no Cabaret Voltaire, em Zurich, abril desse ano de 2017. Aquilo coroaria meus 42 anos de performances poéticas, os 27 anos de existência do CEP 20.000, meu cabaret de bolso. É claro que pensei: lugar ideal para *Os Bichos*, meu trabalho (?) mais dadá. Ali onde se revezaram gigantes da pré-história do século XX: Tristan Tzara, Hugo Ball, Marcel Duchamp, Man Ray. A vida viva no meio da morte morte da Primeira Grande Guerra. Eu ali era quase impensável.

Fui a convite do grupo Bio Escritas e devia dar uma palestra na Universidade de Zurich, onde se realizaria um simpósio do grupo. Simm era preciso fazer um trabalho. Mas eu queria meu direito de permanecer em silêncio, porque a gente nunca sabe exatamente porque faz as coisas. Às vezes são meros impulsos físicos, tentativas toscas de expressar um mundo em dissolução, onde o que era, já era e o que será, ainda não é. Nesse hiato de tempo, mora o artista. Trabalhar com essa potência de vazio é sua assinatura.

POEMA PARA SER TRANSFIGURADO

quem somos
o que queremos
logo logo saberemos

por enquanto
sabemos
que um gesto
uma palavra
podem transformar o mundo

qual deles
qual delas
saberemos já já

essa a missão do artista:
experimentar

por isso somos preciso
por dar nossas vidas
pelo que – ainda – não é
pelo que – quem sabe um dia – será

o que somos
o que queremos
saberemos *juntos*
já já

.....

TRABALHO DEU

Sobre o conceito de biopoética, ele ainda me é meio nebuloso. Acho que está mais ligado à biblioteca, ao logos, que ao corpo e à rua. Mas quem sabe: o desejo de colocar em questão a hermenêutica, a obsessiva interpretação de lado e a vontade de dialogar com os que tentam romper com essas algemas e ouvir mais as pulsões do corpo, do aqui agora da presença, permitiu esse encontro.

Na performance no Cabaret Voltaire, fiz *Os Bichos* (a Tartarota fez chover alface), as prestidigitações poéticas de Mago Magu, um charlatão maior que Paulo Coelho, ainda incompreendido em seu portunhol selvagem. E buscando fisgar o público, falei 4 ou 5 poemas em português, legendados em inglês. Dividi a cena, com o gigante, poeta e performer, Ricardo Domeneck, com seus versos seminais. A recepção foi a melhor possível nesse mundo doido e dodói tão distante do dadá. O Cabaret é apenas um retrato na parede da carnificina que foi a Primeira Guerra, enfrentada com a delirante resistência artística das vanguardas do início do século XX. Hoje o sangue não inunda mais as trincheiras. Artistas, cooptados pelo Deus Mercado, passam a ser provedores de conteúdo para a atrofia do cérebro, enquanto outros, indomáveis, falam para as paredes, para uma humanidade lobotomizada.

Mas a Tartarota, como seu primo jabuti, é vingativa e sabe que “enquanto houver bambu, tem flecha”. *Os Bichos* ruminam no oco do mundo, um manifesto pós-silêncio. Mago Magu quer o direito de inventar a pólvora, a roda e o fogo. A seu modo. E o poeta quer muito fazer o trabalho, um trabalho que o leve longe, que junte e processe o todo, desmorone e vá além.